

“ADVERSÁRIO NÃO SE POUPA NEM SE DA QUARTEL”: OS MARAGATOS EM BAGÉ DURANTE A REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893.

ANDRADE, GUSTAVO FIGUEIRA ¹; LOPES, ARISTEU ELISANDO MACHADO ²

Universidade Federal de Pelotas - figueirandrade@bol.com.br ¹

Universidade Federal de Pelotas - aristeuufpel@yahoo.com.br ²

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por finalidade abordar e compreender a invasão a Bagé em novembro de 1893 e o conseqüente sítio que durou até janeiro de 1894 através da visão federalista dos acontecimentos. A Revolução Federalista de 1893, reuniu de um lado os seguidores do Positivismo e de Júlio de Castilhos, de outro, o Parlamentarismo e Federalismo de Gaspar Silveira Martins. O Partido Federalista Brasileiro foi fundado em março de 1892 na cidade de Bagé, e o novo partido reunia ex-liberais e alguns ex-conservadores, como o clã dos Tavares, naturais de Bagé. Socialmente, era formado majoritariamente pelos pecuaristas da região da Campanha (PESAVENTO, 1983). Dentro desse contexto, de uma cidade onde grande maioria de seus líderes vieram a ser fundadores do PFB, procuramos analisar os acontecimentos dando maior enfoque nas ações federalistas, procurando também compreender as conseqüências à população civil.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa em jornais do ano de 1893 a 1895, entre eles, *O Paiz, Cidade do Rio, Diário de Notícias, O tempo, Gazeta da Tarde*, todos da cidade do Rio de Janeiro. Nos jornais pelotenses, foram pesquisadas notícias dos anos de 1892 a 1895, nos jornais *O Nacional, Tribuna Federal, Gazeta da Tarde, A Reforma, Correio Mercantil, Diário Popular*, e de Rio Grande: *Echo do Sul*. Além de jornais, foram consultadas mais de cem fotografias de José Greco, contemporâneo aos acontecimentos do sítio a Bagé, obtidas no Museu Dom Diogo de Souza em Bagé. As fotos registraram alguns dos lugares que foram saqueados ou destruídos e as tropas que defendiam a cidade em suas trincheiras. Foi consultado também, um fac-simile que traz o diário de campo do general Joca Tavares e da bibliografia que traz os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar ambos federalistas, bem como bibliografias que trazem os apontamentos do legalista, coronel Sampaio, e de Ordens do Dia do coronel Carlos Maria Telles publicados no jornal *Diário de Pelotas*. As informações contidas nessas bibliografias e documentos são contemporâneos aos acontecimentos e apresentam diversos relatos de pessoas que não só combateram como vivenciaram o sítio a Bagé, possibilitando um cruzamento das informações entre as duas visões do conflito.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir das pesquisas realizadas a bibliografias, jornais e memórias do conflito, pudemos observar que em sua maioria, o sítio a Bagé é abordado sob a perspectiva Castilhista, e considerando que a violência ocorreu dos dois lados e como o próprio título do trabalho sugere, através da frase de uma carta de Júlio de Castilhos à um oficial legalista que nos remete a isso. Diante desse quadro,

aprofundei as pesquisas em busca de indícios que auxiliassem a compreender o período em que Bagé foi invadida e sitiada, comparando e cruzando as informações entre as duas versões dos acontecimentos para melhor abordar o período, como trarei a seguir.

Em 27 de novembro de 1893, aproximadamente três mil homens comandados pelo general João Nunes da Silva Tavares batem uma divisão legalista comandada pelo general Isidoro Fernandes, na batalha do Rio Negro. Essa vitória federalista, levantou a moral da tropa a ponto de não titubear na certeza da vitória que teriam sobre os Legalistas concentrados em Bagé.

A partir de 28 de novembro, o coronel Carlos Maria da Silva Telles, comandante das forças legalistas, concentra suas forças no entorno da Praça da Matriz de São Sebastião, na qual previamente haviam construído trincheiras fortificadas nas oito aberturas das ruas adjacentes, onde além de militares, a Praça abrigava parte da população que se refugiara dos invasores e estavam estocados alimentos para resistir ao sítio diante da Igreja transformada em hospital de sangue.

Com a aproximação da cidade, as forças federalistas, por possuírem seu exército baseado na arma de cavalaria, o que lhe proporcionava uma maior mobilidade no terreno, associado a um conhecimento detalhado do teatro de operações, devido ao fato de muitos dos oficiais e soldados serem bageenses e também membros do Partido Federalista Brasileiro.

As forças federalistas entraram por diversas localidades, tanto pelos sul, nas encostas dos Cerros de Bagé, quanto pelo leste onde tomaram a antiga charqueada industrial próxima a estação ferroviária, onde seu acampamento se assegurasse da posse da estrada de ferro, evitando comunicação e apoio logístico e também pelo oeste, tomando a Praça dos Santos Lugares.

Ocorreram diversas incursões dos federalistas pelo interior do município, saqueando estâncias, assassinatos de políticos por degola e incêndios, o que forçou a população da campanha a se refugiar na cidade de Bagé ou fugir para outras localidades. As cartas de correspondentes e notícias publicadas nos jornais, descrevem a barbárie que se acercava, com pequenas propriedades incendiadas, cadáveres insepultos, passando a ideia de que os oficiais federalistas perdiam o controle de seus comandados, pois não raro, suas tropas eram compostas por voluntários civis, sem formação militar e por mercenários uruguaios.

Nesse período, a 1 de dezembro o cerco é apertado até que em 22 de dezembro, segundo o diário do general Tavares, os federalistas entraram na cidade, tomando diversas posições ocupadas pelos legalistas fora dos limites das trincheiras e ocupando o Teatro 28 de Setembro, o cemitério, o mercado público. Também tomaram os telhados de residências, os fundos de quintais, e outros pontos estratégicos todos os postos a aproximadamente quinhentos metros da posição inimiga, porém favoráveis a estabelecer linhas de tiro, onde trocavam vivíssimo fogo com os sitiados, onde mulheres, crianças ou idosos que se interpusessem entre as linhas de tiro eram abatidos pela fuzilaria. Contudo, as notícias e memórias mostram uma certa possibilidade de se “parlamentar” por parte dos civis com as forças sitiadas, como é o caso, da senhora Antonia Vinhas, esposa do Dr. Líbio Vinhas, médico que se alistou como voluntário para atender no hospital de sangue legalista. Durante os tiroteios, ela saiu com a filha, ambas segurando bandeiras brancas nas mãos, pediram para parlamentar, quando imediatamente cessaram as hostilidades dos dois lados, onde obteve salvo conduto para ver seu marido dentro da Praça sitiada.

Durante o controle do restante da cidade pelos federalistas, a população que

não havia abandonado suas casas, permanece, talvez numa tentativa de proteger seus bens, evitando que suas propriedades fossem saqueadas ou incendiadas, o que não ocorreu. Os federalistas saquearam diversos lugares, incendiaram diversas residências de famílias que simpatizavam com o Castilhismo, como a sede do jornal *15 de Novembro*, cortaram os cabos de telégrafo, destruíram as pontes que davam acesso à cidade por inúmeras vezes, a ponto de o coronel Carlos Telles, reclamar em carta enviada ao general Joca Tavares, que isto estava causando muitos prejuízos, solicitando que cessassem as hostilidades pontes e estrada de ferro.

Os federalistas não ofereciam descanso aos sitiados, no entanto, até 19 de dezembro era permitido uma certa mobilidade aos legalistas (SALIS, 1955) de maneira que pudessem caçar alguns animais que encontrassem ou plantas e raízes para cozinhar e até mesmo receber auxílio da população. A estratégia federalista de matar os legalistas sitiados pela fome e sede evitando mais destruições passa a ser efetiva a partir dessa data.

Por não disporem de peças de artilharia, levantava-se um sítio de forma limitada, do contrário, seria bem possível que os legalistas não tivessem resistido por muito tempo a um contínuo bombardeio de artilharia em um espaço físico tão limitado por tempo prolongado além da escassez de suprimentos. Observando por outro ângulo, é possível considerar que os federalistas não dispunham de munição suficiente para tal empreitada, uma vez que sua tropa era composta por cavalaria e seus movimentos geralmente caracterizados por ações rápidas, o que também dificultaria uma logística para tal.

Além da ausência de peças de artilharia entre as forças federalistas, a utilização de armas de fogo não era padronizada, pois utilizavam segundo as notícias, diversos modelos de armamentos, adquiridos por Gaspar Silveira Martins e contrabandeados pelo porto de Montevideu. Essa não padronização, poderia dificultar a manutenção e distribuição de munições, além do provimento de munições dos diversos tipos e envio aos combatentes no teatro de operações, também corria risco de ser apreendida por autoridades uruguaias ou pelos legalistas que operavam pela fronteira a caça dos federalistas.

Embora tudo indique a predominância da utilização de armas brancas pelos federalistas, como sabemos, estas são para combates corpo a corpo, e ajudaria a explicar a dificuldade dos sitiados tomar de assalto as trincheiras, uma vez que eram defendidas por peças de artilharia e armas de fogo das tropas sitiadas.

Após várias tentativas de tomar a Praça sitiada, os líderes federalistas reunidos em conselho por iniciativa do general Tavares, com o fito de realizar um ataque definitivo, cogitam inclusive colocar fogo nas casas obrigando Carlos Telles a se render. O General Joca Tavares, em seu diário, refuta essa sugestão e decide tomar por outros meios a Praça, e como última investida, decidindo derrubar os muros das casas próximas até que, chegando a Praça, tomasse de surpresa os legalistas.

Esse acontecimento nos leva a algumas hipóteses, a primeira de que o general Joca Tavares titubeou diante de talvez a única oportunidade real de tomar a Praça ao incendiá-la, fato que causou certa discussão entre as lideranças federalistas. A preservação da cidade evidencia que seu alvo era submeter os legalistas e não a cidade.

Outra hipótese nos leva a pensar na eficácia das trincheiras construídas pelos legalistas, tudo indica que foram construídas pela companhia de engenharia que estava na cidade. Ao observarmos as trincheiras pelas fotos de José Greco, notamos que elas não possuem fosso profundo, nem paliçada a sua frente, o que

umentaria sua eficácia. No entanto, quem conhece a Igreja de São Sebastião e a praça que foi palco desses acontecimentos, logo conclui que o terreno colaborou, pois é um ponto estratégico no alto de uma coxilha, e com um rio a leste.

Por último, os federalistas não dispunham de um exército treinado profissional nem de uma infantaria eficiente e disciplinada, e em sua maioria eram da arma de cavalaria, o que não lhe impossibilitava de lutar a pé, porém colocava-os numa inferioridade estratégica diante de fortificações e impossibilitava manobras como a carga de cavalaria. As últimas tentativas federalistas, poucos dias antes de chegar os reforços da Divisão do Sul, em socorro as tropas legalistas sitiadas em Bagé, sob ordens do coronel Sampaio, colocava-os sob a possibilidade de passarem da perspectiva de sitiadores a sitiados, forçando-os a levantar o cerco e retirar-se para outra localidade devido a aproximação de Sampaio, que chega a Bagé na madrugada do dia 8 de janeiro de 1894.

4. CONCLUSÕES

Considerando que o trabalho se encontra em fase inicial, algumas considerações podem ser apontadas com a pesquisa até então realizada. A historiografia que geralmente aborda o cerco à cidade de forma parcial, acaba dificultando uma melhor compreensão das ações sitiadas federalistas e motivos pelos quais a cidade de Bagé não foi tomada durante o sítio. Além de motivações políticas e militares, a invasão e o cerco trouxeram consequências para a população civil, onde mulheres, idosos e crianças foram diretamente atingidas. Através dessa busca pela compreensão dos acontecimentos pela visão dos federalistas, pelo cotidiano desses soldados contrapondo a legalista, propiciará uma melhor compreensão do sítio a Bagé de uma forma mais ampla e por um aspecto mais social no contexto de violência na campanha gaúcha.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.
- PESAVENTO, Sandra J. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GUAZZELLI, Cesar. "Pois então degola": representações da barbárie sobre campeiros e milicianos no século XIX. **História em Revista**. V.10, pp.1 a 11, dezembro de 2004)
- TAVARES, João Nunes da Silva. **Diário da Revolução Federalista de 1893**. Organização: Corálio Bragança Pardo Cabeda, Gunter Axt e Ricardo Vaz Seeling. Porto Alegre: Procuradoria Geral – Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004. Tomo II. (Memória Política e Jurídica do Rio Grande do Sul, 3)
- SALIS, Eurico J. **História de Bagé**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1955.
- REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia do *Jornal do Povo*, 1911.
- SAMPAIO, João Cezar. **O Coronel Sampaio e os "Apontamentos" do Dr. Wenceslau Escobar**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920.
- ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos sobre a Revolução Rio-Grandense de 1893**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.
- BENTO, Claudio Moreira. O centenário do sítio federalista em Bagé. In: **Simpósio Fontes para a História da Revolução de 1893**, III. Bagé, 28, 29 e 30 de abril de 1893. Anais. Bagé: EDIUCAMP, 1993. 4v.